

A Criança e @s inimig@s dela



Emma Goldman

Tradução de Zião Dionísio

Texto em inglês publicado
por Emma Goldman
em abril de 1906
no jornal Mother Earth Nº 2

Tradução para português
feita por Zião Dionísio
em maio de 2024

A criança deve ser considerada como uma individualidade ou como um objeto a ser moldado de acordo com os caprichos e fantasias das pessoas que a cercam? Essa me parece ser a pergunta mais importante a ser respondida pelos pais e educadores. E se a criança deve crescer a partir de seu interior, se tudo o que anseia por expressão terá permissão para vir à luz do dia, ou se deve ser amassada como massa por forças externas, depende da resposta adequada a essa pergunta vital.

O anseio dos melhores e mais nobres de nossa época cria as mais fortes individualidades. Todo ser sensível abomina a ideia de ser tratado como uma mera máquina ou como um mero papagaio do convencionalismo e da respeitabilidade, o ser humano almeja o reconhecimento da própria natureza.

É preciso ter em mente que é através do canal da criança que o desenvolvimento do homem maduro deve acontecer, e que as ideias atuais de educação ou treinamento da criança na escola e na família - até mesmo nas famílias dos liberais ou radicais - sufocam o crescimento natural da criança.

Todas as instituições da nossa época, a família, o Estado, nossos códigos morais, veem em cada personalidade forte, bela e que não faz concessões, um inimigo mortal; portanto, todos os esforços estão sendo feitos para prender a emoção humana e a originalidade de pensamento do indivíduo em uma camisa de força desde a mais tenra infância; ou para moldar cada ser humano de acordo com um padrão; não em uma individualidade bem formada, mas em um escravo paciente, um autômato profissional, um cidadão que paga impostos ou um moralista justiceiro. Se alguém, no entanto, encontra-se com a espontaneidade real (que, a propósito, é algo raro), isso não se deve ao nosso método de criar ou educar a criança: a personalidade geralmente se afirma, independentemente das barreiras oficiais e familiares. Uma descoberta como essa deveria ser celebrada como um evento incomum, já que os obstáculos colocados no caminho do crescimento e do desenvolvimento do caráter são tão numerosos que deve ser considerado um milagre se ele mantiver sua força e beleza, e sobreviver às várias tentativas de paralisar aquilo que lhe é mais essencial.

De fato, aquele que se libertou dos grilhões da falta de reflexão e da estupidéz do lugar-comum; aquele que consegue se manter de pé sem muletas morais, sem a aprovação da opinião pública - a preguiça privada, como Friedrich Nietzsche a chamava - pode muito bem entoar uma canção alta e volumosa de independência e liberdade; ele ganhou o direito a isso por meio de batalhas ferozes e ardentes. Essas batalhas já começam na idade mais delicada.

A criança mostra suas tendências individuais em suas brincadeiras, em suas perguntas, em sua associação com pessoas e coisas. Mas ela tem de lutar contra a constante interferência externa em seu mundo de pensamentos e emoções. Ela não pode se expressar em harmonia com sua natureza, com sua personalidade em crescimento. Ele deve se tornar uma coisa, um objeto. Suas perguntas recebem respostas limitadas, convencionais e ridículas, a maioria delas baseadas em falsidades; e quando, com olhos grandes, maravilhados e inocentes, ele deseja contemplar as maravilhas do mundo, as pessoas ao seu redor rapidamente trançam as janelas e portas e mantêm a delicada planta humana em uma atmosfera de estufa,

onde não pode respirar nem crescer livremente.

Zola, em seu romance "Fecundity" (Fecundidade), afirma que grandes setores da população declararam a morte da criança, conspiraram contra o nascimento da criança - um cenário realmente horrível, mas a conspiração iniciada pela civilização contra o crescimento e a formação do caráter me parece muito mais terrível e desastrosa, por causa da destruição lenta e gradual de suas qualidades e traços latentes e do efeito paralisante e estupefante sobre o bem-estar social.

Uma vez que todos os esforços em nossa vida educacional parecem ser direcionados para fazer da criança um ser estranho a ela mesma, isso deve necessariamente produzir indivíduos estranhos uns aos outros e em eterno antagonismo entre si.

O ideal do pedagogo comum não é um ser completo, bem formado e original; em vez disso, ele busca que o resultado de sua arte pedagógica seja um autômato de carne e osso, para melhor se encaixar na esteira da sociedade e no vazio e na apatia de nossas vidas. Todos os lares, escolas, faculdades

e universidades defendem o utilitarismo seco e frio, inundando o cérebro do aluno com uma tremenda quantidade de ideias, transmitidas por gerações passadas. "Fatos e dados", como são chamados, constituem uma grande quantidade de informações, talvez suficientemente boas para manter toda forma de autoridade e criar muita admiração pela importância da propriedade, mas são apenas uma grande desvantagem para uma verdadeira compreensão da alma humana e de seu lugar no mundo.

Verdades mortas e esquecidas há muito tempo, concepções do mundo e de seu povo, cobertas de mofo, mesmo na época de nossas avós, estão sendo marteladas na cabeça de nossa geração jovem. Mudança eterna, milhares de variações, inovação contínua são a essência da vida. A pedagogia profissional não sabe nada sobre isso, os sistemas de educação estão sendo organizados em arquivos, classificados e numerados. Falta-lhes a semente forte e fértil que, caindo em solo rico, permite que cresçam a grandes alturas, pois estão desgastados e incapazes de despertar a espontaneidade do caráter. Instrutores e professores, com almas mortas, operam com valores mortos.

A quantidade é forçada a tomar o lugar da qualidade. As conseqüências disso são inevitáveis.

Em qualquer direção que se olhe, procurando ansiosamente por seres humanos que não medem ideias e emoções com o critério da conveniência, somos confrontados com os produtos, o treinamento de rebanho, em vez do resultado de características espontâneas e inatas que se desenvolvem a partir da liberdade.

"Não vejo agora nenhum traço
Que seja a ação de um espírito.
É adestramento, nada mais."

Essas palavras de Fausto se encaixam perfeitamente em nossos métodos de pedagogia. Veja, por exemplo, a maneira como a história está sendo ensinada em nossas escolas. Veja como os eventos do mundo se transformam em um show de marionetes barato, em que alguns puxadores de fios supostamente dirigiram o curso do desenvolvimento de toda a raça humana.

E a história de nossa própria nação! Ela não foi escolhida pela Providência para se tornar a principal nação da Terra? E ela não se ergue no alto de uma montanha sobre

outras nações? Ela não é a joia do oceano? Não é incomparavelmente virtuosa, ideal e corajosa? O resultado de tal ensinamento ridículo é um patriotismo maçante e superficial, cego para suas próprias limitações, com uma teimosia enorme, totalmente incapaz de julgar as capacidades das outras nações. É dessa forma que o espírito da juventude é enfraquecido, amortecido por uma superestimação de seu próprio valor. Não é de se admirar que a opinião pública possa ser fabricada com tanta facilidade.

"Comida pré-digerida" deveria estar escrito em todas as salas de aula como um aviso para todos que não desejam perder suas próprias personalidades e seu senso original de julgamento, e que, em vez disso, se contentariam com uma grande quantidade de cascas vazias e superficiais. Isso pode ser suficiente como um reconhecimento dos vários obstáculos colocados no caminho de um desenvolvimento mental independente da criança.

Igualmente numerosas, e não menos importantes, são as dificuldades que confrontam a vida emocional dos jovens. Não é

de se supor que os pais devam estar unidos aos filhos pelas ligações mais ternas e delicadas? Deve-se supor que sim; no entanto, por mais triste que seja, é verdade que os pais são os primeiros a destruir as riquezas internas de seus filhos.

As Escrituras nos dizem que Deus criou o homem à Sua própria imagem, o que de forma alguma se mostrou um sucesso. Os pais seguem o mau exemplo de seu mestre celestial; eles se esforçam ao máximo para moldar a criança de acordo com a sua própria imagem. Eles se apegam fortemente à ideia de que a criança é meramente parte deles mesmos - uma ideia tão falsa quanto prejudicial, e que só aumenta a incompreensão sobre a alma da criança, sobre as consequências necessárias da escravidão e da subordinação.

Assim que os primeiros raios de consciência iluminam a mente e o coração da criança, ela começa instintivamente a comparar sua própria personalidade com a personalidade das pessoas ao seu redor. Com quantos penhascos duros e frios o grande olhar de admiração da criança se depara? Em pouco tempo, ela é confrontada com a do-

lorosa realidade de que está aqui apenas para servir como matéria inanimada para os pais e tutores, cuja autoridade lhe dá formato e forma.

A terrível luta do homem e da mulher pensantes contra as convenções políticas, sociais e morais deve sua origem à família, onde a criança é sempre obrigada a lutar contra o uso interno e externo da força. Os imperativos categóricos: Isso é certo! Isso é errado! Isso é verdadeiro! Isso é falso! caem como uma chuva violenta sobre a cabeça pouco sofisticada do jovem ser, e imprimem em sua sensibilidade a necessidade de se curvar diante das noções duras de pensamentos e emoções, que foram estabelecidas há muito tempo. No entanto, as qualidades e os instintos latentes procuram afirmar seus próprios métodos peculiares de buscar o fundamento das coisas, de distinguir entre o que é comumente chamado de errado, verdadeiro ou falso. A criança está determinada a seguir seu próprio caminho, já que é composta pelos mesmos nervos, músculos e sangue, daqueles que assumem a direção de seu destino. Não consigo entender como os pais esperam que seus filhos cresçam e se tornem espíritos

independentes e autoconfiantes, quando se esforçam ao máximo para restringir e limitar as várias atividades de seus filhos, o acréscimo de qualidade e caráter que diferencia seus filhos deles mesmos e, em virtude do qual, eles são eminentemente equipados para serem portadores de ideias novas e revigorantes. Uma árvore jovem e delicada, que está sendo podada e cortada pelo jardineiro para lhe dar uma forma artificial, nunca alcançará a altura majestosa e a beleza de quando se permite que ela cresça na natureza e em liberdade.

Quando a criança chega à adolescência, ela se depara, além das restrições do lar e da escola, com uma grande quantidade de tradições rígidas de moralidade social. Os desejos de amor e sexo são enfrentados com absoluta ignorância pela maioria dos pais, que consideram isso como algo indecente e impróprio, algo vergonhoso, quase criminoso, que deve ser reprimido e combatido como uma doença terrível. O amor e os sentimentos de ternura da jovem planta são transformados em vulgaridade e grosseria devido à estupidez daqueles que a cercam, de modo que tudo o que é belo e delicado é completamente esmagado ou escondido nas

profundezas mais íntimas, como um grande pecado que não ousa enfrentar a luz.

O que é mais surpreendente é o fato de que os pais se despojam de tudo, sacrificam tudo pelo bem-estar físico do filho, acordam de noite e ficam com medo e agonia diante de alguma doença física de seu amado; mas permanecem frios e indiferentes, sem a menor compreensão diante dos desejos da alma e dos anseios da criança, não ouvindo nem desejando ouvir as batidas fortes do espírito jovem que exige reconhecimento. Ao contrário, abafarão a bela voz da primavera, de uma nova vida de beleza e esplendor de amor; colocarão o longo e magro dedo da autoridade sobre a tenra garganta e não darão vazão à canção prateada do crescimento individual, da beleza do caráter, da força do amor e do relacionamento humano, que por si só fazem a vida valer a pena ser vivida.

Ainda assim, esses pais imaginam que querem o melhor para a criança e, pelo que sei, alguns realmente querem; mas o melhor deles significa morte e decadência absolutas para o jovem em formação. Afinal de contas, eles estão apenas imitando seus

próprios mestres em assuntos estatais, comerciais, sociais e morais, suprimindo pela força toda tentativa independente de analisar os males da sociedade e todo esforço sincero para a abolição desses males; nunca são capazes de compreender a verdade eterna de que todo método que empregam serve como o maior ímpeto para gerar um desejo maior de liberdade e um zelo mais profundo para lutar por ela.

Todos os pais e professores devem saber que essa compulsão está fadada a despertar resistência. Há uma grande surpresa em relação ao fato de que a maioria dos filhos de pais radicais se opõe totalmente às ideias deles, muitos dos quais seguem os velhos caminhos antiquados, ou são indiferentes aos novos pensamentos e ensinamentos da regeneração social. E, no entanto, não há nada de incomum nisso. Os pais radicais, embora emancipados da crença de propriedade na alma humana, ainda se apegam obstinadamente à noção de que são donos da criança e que têm o direito de exercer sua autoridade sobre ela. Assim, eles se propõem a moldar e formar a criança de acordo com sua própria concepção do que é certo e errado, forçando suas ideias sobre

ela com a mesma veemência que os pais católicos comuns usam. E, assim como os católicos, eles apresentam aos jovens a necessidade de "fazer o que eu digo e não o que eu faço". Mas a mente impressionável da criança percebe cedo o suficiente que a vida de seus pais está em contradição com as ideias que eles representam; que, assim como o bom cristão que reza fervorosamente no domingo, mas continua a violar os mandamentos do Senhor no resto da semana, o pai radical critica Deus, o sacerdócio, a igreja, o governo e a autoridade doméstica, mas continua a se ajustar à condição que ele abomina. Da mesma forma, o pai que defende o livre-pensamento pode se gabar orgulhosamente de que seu filho de quatro anos reconhecerá a foto de Thomas Paine ou Ingersoll, ou que sabe que a ideia de Deus é estúpida. Ou o pai social-democrata pode apontar para sua filhinha de seis anos e dizer: "Quem escreveu O Capital, querida?" "Karl Marx, papai!" Ou a mãe anarquista pode dizer que o nome de sua filha é Louise Michel, Sophia Perovskaya, ou que ela pode recitar os poemas revolucionários de Herwegh, Freiligrath ou Shelley, e que ela apontará os rostos de Spencer, Bakunin ou Moses Harmon em quase qualquer imagem.

Esses não são de forma alguma exageros; são fatos tristes que encontrei na minha experiência com pais radicais. Quais são os resultados de tais métodos de manipular a mente? A consequência é a seguinte, e também não é muito rara. A criança, alimentada com ideias unilaterais, definidas e fixas, logo se cansa de repetir as crenças de seus pais e parte em busca de novas sensações, por mais inferior e superficial que seja a nova experiência, pois a mente humana não suporta a mesmice e a monotonia. Assim, acontece que o menino ou a menina, alimentados demais com Thomas Paine, caem nos braços da Igreja, ou votam no imperialismo apenas para escapar da chatice do determinismo econômico e do socialismo científico, ou abrem uma fábrica de camisas e se apegam ao direito de acumular propriedades, apenas para encontrar um alívio do comunismo antiquado do pai. Ou que a moça se casará com um homem, desde que ele possa ganhar a vida, apenas para fugir da eterna conversa sobre variedade.

Essa condição pode ser muito dolorosa para os pais que desejam que seus filhos sigam seu caminho, mas eu as vejo como forças psicológicas muito refrescantes e

encorajadoras. Elas são a maior garantia de que a mente independente, pelo menos, sempre resistirá a toda força externa e estrangeira exercida sobre o coração e a cabeça humana.

Algumas pessoas perguntarão: e as naturezas fracas, elas não devem ser protegidas? Sim, mas para que isso possa ser feito, será necessário perceber que a educação das crianças não é sinônimo de treinamento e adestramento de rebanho. Se a educação deve realmente significar alguma coisa, ela deve insistir no livre crescimento e desenvolvimento das forças e tendências inatas da criança. Somente dessa forma podemos ter esperança no indivíduo livre e, por fim, também em uma comunidade livre, que tornará impossível a interferência e a repressão do crescimento humano.

A Autora

Emma Goldman nasceu na Lituânia
em 27 de junho de 1869.

Foi uma escritora e palestrante
sobre filosofia anarquista, direitos
das mulheres e questões sociais.

Em 1906, ela fundou o
jornal anarquista Mother Earth.

Emma Goldman faleceu em
14 de maio de 1940, no Canadá.

Editado por

Tropicalversos.com

Colatina, Espírito Santo, Brasil

